

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

18

**OS
METODISTAS**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



OS METODISTAS



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 18

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

OS METODISTAS

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 6-IV-1959.

Título do original inglês: The Methodists.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U.S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

OS METODISTAS

Metodismo é o nome dado às denominações religiosas que devem a sua origem ao reavivamento evangélico pôsto em obra por John Wesley, na primeira parte do século XVIII. John Wesley era um clérigo anglicano que ficou espantado com a apatia e a indiferença da sua própria Igreja, na Inglaterra de duzentos anos atrás, e que empreendeu reacender-lhe o fervor religioso, com resultados que foram muito além das suas intenções primitivas.

Os primórdios do movimento podem ser fixados em 1729, quando John, então aluno do Lincoln College, Oxford, juntamente com seu irmão Charles e vários outros companheiros, se ligaram num "Clube Santo", impondo-se a si mesmos estritas regras de observância religiosa. A sua piedade metódica granjeou-lhes a alcunha de "Metodistas", nome que John Wesley gostosamente adotou e com o qual de modo algum se ofendeu. Foi realmente um bom nome, tal como a Igreja Católica os sacerdotes que pertencem a Ordens Religiosas são conhecidos como "Regulares", por pretendem regular suas vidas de acôrdo com a Regra da Ordem a que pertencem.

Esses pequenos começos abriram o caminho para a enorme influência de John Wesley sôbre cinco gerações de sectários, e, na realidade, sôbre tôdas as formas de Protestantismo moderno. E ninguém pode estudar sem simpatia a sua campanha em favor do "Cris-

tianismo a sério", como também o ardor do senso religioso que havia na sua própria alma. Seja qual fôr o juízo último que se possa fazer do movimento que êle instaurou, todos podem reconhecer neste êsse espírito de religião pessoal sem o qual observâncias meramente externas não passariam de casca vazia.

JOHN WESLEY

John Wesley, filho de um clérigo anglicano, nasceu em Epworth Rectory, em 1703. Indo para Oxford, fêz-se aluno do Lincoln College em 1726. Ali, como vimos, com seu irmão Charles e outros companheiros, inclusive George Whitefield, formou um grupo que se juntou para mútuo melhoramento espiritual. Os membros dêsse grupo deram-se ao estudo e à oração, e ligaram-se por estritas regras de jejum, de Comunhão semanal regular e de boas obras, tais como visitar os doentes e instruir crianças abandonadas.

Êste programa granjeou para John Wesley não somente a alcunha de "Metodista", mas também a acusação de "Papista". Mas nem Wesley nem os seus acusadores sabiam realmente o que o Catolicismo significava, embora o espírito que inspirava semelhante ardor religioso fôsse, sem dúvida, católico. Com efeito, êle hauriu muito da sua inspiração no clássico livro católico "A Imitação de Cristo", de Thomas a Kempis, livro do qual mais tarde concitou os seus ouvintes a fazerem objeto da sua meditação diária. Todavia, a Igreja Católica, como Igreja, êle só a via através dos olhos dos preconceitos protestantes correntes. Declarou que "nenhum Romanista pode esperar ser salvo, de acôrdo com os têrmos do Convênio Cristão". Em 1778 protestou contra a proposta de Lord North de conceder aos católicos dispensa das suas incapacida-

des legais. Era um homem bom demais para ser conscientemente injusto. Acreditava estar defendendo um princípio. A sua caridade insistia em dizer repetidamente que "os Metodistas são amigos de todos e inimigos de ninguém". Mas certamente ele não era "Papista"!

Em 1735, após admissão às Ordens Anglicanas, ele foi, como missionário, para a América, a fim de ali exercer o ministério junto aos colonos ingleses, de acordo com os ritos anglicanos, e evangelizar os Índios Vermelhos. Porém os colonos o acharam rigidamente insistente demais sobre aquilo que eles consideravam Alta Igreja Ritual, e demasiado ditatorial para com eles mesmos; e em 1738 ele voltou para a Inglaterra com um sentimento de quase completo fracasso. Então veio a crise espiritual na sua vida.

Na viagem para a América em 1735 ele tivera como companheiros de viagem vinte e seis Morávios, sectários dos ensinamentos de John Huss. Essa gente impressionara-o pela sua profunda religião pessoal e inabalável confiança em Deus. Quando, pois, na sua volta a Londres ele se encontrou com Peter Bohler, jovem Morávio, aceitou a sugestão deste para assistir a uma reunião dos Morávios em Aldersgate Street. Ali, a 24 de maio de 1738, enquanto escutava a leitura do Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, diz ele: "Senti o meu coração estranhamente aquecido, e ser-me dada uma segurança de que Deus tirara os *meus* pecados, os *meus* mesmo, e me salvara da lei do pecado e da morte. Então testifiquei tudo o que pela primeira vez senti no meu coração".

Dessa experiência, tão individualista e subjetiva, Wesley concluiu que toda a regra do seu "Clube Santo" fôra vã, e que, para a salvação, todos deviam experimentar um "Novo Nascimento", uma conversão perceptível como a de S. Paulo no caminho de Da-

masco. Além disto, adotou a doutrina dos Morávios de que, após a conversão de alguém, o pecado cessa inteiramente, e a pessoa imediatamente atinge a perfeição aos olhos de Deus. Estas idéias êle as modificou grandemente em anos posteriores; mas certamente saiu daquela reunião morávia sentindo que antes nunca fôra um Cristão no verdadeiro sentido da palavra.

John Wesley não pôde guardar consigo mesmo as suas novas convicções. Imediatamente começou a pregar a sua nova doutrina, e persuadiu seu irmão Charles e George Whitefield a se lhe juntarem numa série de campanhas renascedouras. A princípio Wesley pregava somente em igrejas anglicanas, mas não tardou a seguir o exemplo de Whitefield, e começou a fazer reuniões ao ar livre, com resultados sensacionais.

Em 1739 organizou sob seu próprio contrôlê as sociedades convertidas, primeiro comêço da "Sociedade Metodista Wesleyana". Êle nunca pensou em filiar essas sociedades oficialmente à Igreja da Inglaterra. Muitos dos convertidos não eram Anglicanos, e consideravam a sociedade, os seus pregadores e o seu culto como o bastante para êles. Wesley alimentou a esperança de que eventualmente êles se tornassem Anglicanos, como veremos. Mas, quanto ao tempo presente, êle justamente foi adiante, deixando o futuro entregue a si mesmo.

Em 1741, as necessidades da obra forçaram-no, embora mui relutantemente, a nomear pregadores leigos; mas só lhes permitiu pregar, e não desempenhar as outras funções do clero. Todavia, também nesse ponto êle teve de ceder mais tarde.

Em 1742 instituiu reuniões de classe, com "leaders" de classe, para devoções e auxílio mútuo, estando todas as classes unidas dentro da sua "Sociedade da gente chamada Metodista". Êle não quis chamar-lhe

Igreja. A única "Igreja" que êle reconhecia era a Igreja da Inglaterra. Mesmo quando veio a morrer, em 1791, após vinte e dois anos de zeloso labor na organização da sua "Sociedade", êle ainda professava adesão à Igreja da Inglaterra.

A DOCTRINA METODISTA

As Igrejas Metodistas existem hoje em dia em estado de completa separação da Igreja da Inglaterra a que o próprio Wesley pertencia. Como se verificou a separação, vê-lo-emos depois, quando tratarmos expressamente dêsse assunto. Aqui, tomando a separação como fato consumado, tentemos fazer alguma idéia do ensino distintivo Metodista.

Infelizmente nenhuma declaração pode ser feita que todos os Metodistas subscrevam. Os próprios Metodistas admitem isto. Escrevendo no seu livro "Towards Reunion", p. 95, o Prof. A. V. Murray, Vice-presidente da Primitiva Conferência Metodista, diz: "E' importante notar ser impossível até agora falar de "Metodismo" como se êle defendesse uma só coisa ou em matéria de fé ou em matéria de ordem". E prossegue dizendo (p. 99): "Há, de um lado, fortes apoiadores dos ideais "Católicos Livres", ministros que gostam muito do ritual nos seus serviços e são fortes sacramentarianos, e que mesmo se chamam a si mesmos de "Wesley-Católicos"; e, de outro lado, há ministros que odeiam com ódio ferrenho tôda essa espécie de coisas. Há ministros cujo modernismo é muito pronunciado; e há outros que se pronunciam em favor das conversões súbitas e da inspiração verbal da Bíblia. Essas diferenças de fé são, naturalmente, característicàs de tôdas as corporações protestantes hoje em dia. Contudo, a feição distintiva do Metodis-

mo está em que tôdas essas diferenças estão de algum modo equacionadas às doutrinas de John Wesley; e na Declaração Unida de Doutrina, é feita a presunção um tanto ousada de que os “Sermões” e “Notas sôbre o Novo Testamento”, de autoria de Wesley, liberalmente interpretados, podem tornar-se uma norma de fé para a nova Igreja”.

Ousada presunção é, na verdade, pensar que a desconcertante variedade de crenças sustentadas pelos Metodistas possa jamais ser reduzida a um padrão definido e consistente. Tudo quanto podemos fazer é dar o ensino do “Ato de União”, de 1932, o qual é esperança Metodista que tôdas as suas Igrejas subscrevam.

Esse “Ato de União” declara que os Metodistas reclamam um lugar na “Santa Igreja Católica”, e que aceitam a Fé Apostólica, os Credos históricos, os princípios Protestantes da Reforma e as Sagradas Escrituras como a única Regra de Fé, e as doutrinas evangélicas contidas nos “Sermões” e nas “Notas sôbre o Novo Testamento”, de Wesley.

Grande dificuldade surge do fato de não poderem os Metodistas concordar sôbre o que é a “Santa Igreja Católica”, nem sôbre o conteúdo da Fé Apostólica. Grande número dêles não crêem nos Credos históricos, os quais não podem ser conciliados com os princípios da Reforma Protestante. A teoria da Bíblia-sòmente como Regra de Fé é negada pelo recurso à “Fé Apostólica” e aos “Credos históricos”, recurso que introduz também a Tradição como Regra de Fé! E Metodistas modernos repudiam muita coisa do ensino contido nos “Sermões” e “Notas” de Wesley. Entretanto, não se pode dar definição mais clara da doutrina Metodista, e, portanto, devemos volver-nos para assuntos mais específicos, começando por uma breve vista de olhos sôbre a própria posição de John Wesley.

OS ENSINAMENTOS DE WESLEY

John Wesley sempre proclamou aceitar plenamente o ensino da Igreja da Inglaterra conforme contido no Livro de Oração Comum e nos Trinta e Nove Artigos de Religião. Porém, na sua pregação, concentrou-se no alvo único de reviver a religião pessoal, exigindo dos seus ouvintes a mesma mudança revolucionária que sobreviera à sua própria vida. Até serem eles *convertidos* da indiferença para uma nova e entusiástica experiência religiosa, ele parecia deixá-los completamente sem instrução sobre o Credo Anglicano em que ele mesmo professava crer. Que de admirar, pois, se os seus convertidos imaginavam que o todo da religião cristã consistia numa sentida segurança de salvação e na determinação de procurar viver uma vida melhor do que anteriormente?

Que John Wesley estava interessado na experiência pessoal, sem consideração com a consistência doutrinária, isto é evidente pela "Biblioteca Cristã" que ele prescreveu para o adestramento dos seus pregadores. Ela incluía as próprias "Notas sobre o Novo Testamento", de autoria dêle, a "Imitação de Cristo", as Homilias de Macário, as "Cartas Espirituais de Irmão Lourenço" e de "S. João da Cruz", os "Pensamentos" de Pascal, e o "Guia Espiritual de Miguel de Molinos". Cada um dos livros arrolados, salvo as "Notas" dêle, era escrito por um Católico que insistiria na necessidade de se pertencer à Igreja Católica e de se estar em união com Roma! Porém Wesley estava interessado não na Fé que eles professavam, mas somente nas suas regras para a vida espiritual e para o progresso na virtude. Doutrinariamente, ele próprio foi sempre vago, incerto e inconsciente; e, portanto, nenhum guia seguro para as crenças requeridas dos cristãos.

CRENÇA NA BIBLIA

Wesley certamente aceitava a doutrina de que “a Palavra de Deus escrita é a única e suficiente regra quer de fé quer de prática” que todos os Metodistas professam. Porém denunciou “a interpretação privada” como um viveiro de erros sem fim. No seu “Jornal”, vol. IV, escreveu: “Que vós não precisais de nenhum homem para vos ensinar é um texto que tem sido trazido em apoio do mais vivo entusiasmo”.

Ele mesmo justificava, às vezes, a sua própria interpretação apelando para a “voz da antiguidade”, ou Tradição; outras vezes, argumentando com a razão ou com uma “ilação inegável”. Quando a Tradição era citada contra ele, ou as suas ilações eram negadas, ele apelava para a “Luz Interior”, para o testemunho do Espírito dentro da sua própria alma. Mas outros pretendiam que a “Luz Interior” os levava a conclusões inteiramente diversas, e que eles preferiam o testemunho do Espírito dentro das *suas* almas à direção de “João Cego”. Em tais casos, Wesley via-se reduzido a declará-los vítimas de sentimento, imaginação e ilusão própria; acusação que eles prontamente volviam contra ele mesmo.

Que ele sentia o desespero da sua posição é indicado pelas suas palavras no “Prefácio para Sermões-Modelo”: “Alguns podem dizer que também eu errei o caminho... e é bem possível que o tenha errado”.

O PECADO

Absorvido por pensamentos da salvação individual e da necessidade de conversão, John Wesley dedicou pouca atenção às grandes afirmações dogmáticas sobre Deus, a Santíssima Trindade e a Divindade de

Cristo. Estas, naturalmente, êle nunca negou. Tomou-as como concedidas. Mas a conversão implica arrependimento dos pecados, e o assunto do pecado assumiu grande importância a seus olhos.

O seu ponto de partida foi do Nono dos "Artigos de Religião" Anglicanos, o qual declara que o "Pecado Original"... é a culpa e corrupção da natureza de todo homem que naturalmente é gerado do tronco de Adão". Portanto êle acreditava na queda do gênero humano em Adão, interpretando o pecado herdado primeiramente como um veneno resultante na completa depravação da humanidade não redimida. Mas êste extremo Calvinismo êle repudiou-o mais tarde, negando que o homem é totalmente corrompido, mas insistindo na impossibilidade da salvação eterna sem a graça de Cristo, que é só o que pode purificar-nos quer do pecado original quer dos pecados pessoais.

A SALVAÇÃO

O verdadeiro coração e alma do Metodismo reside na sua doutrina da salvação. O desejo apaixonado de John Wesley era salvar almas; foi para pregar a salvação que êle enviou os seus pregadores. Só se pode, pois, esperar que a sua maior contribuição para o Protestantismo fôsse a sua doutrina versante sobre êste assunto.

A essência do seu ensino pode ser resumida na promessa de um *novo nascimento*, com *livre, presente e plena salvação*, a todos os que correspondessem ao seu convite de arrependimento.

Para Wesley, o "Novo Nascimento" era a experiência de conversão, aniquilando o "pecado interior" e justificando imediatamente a alma perante Deus. Crença na necessidade dessa regeneração imediata, êle ur-

gente e quase desesperadamente procurou, nas suas reuniões de “reviver”, forçar os seus ouvintes a uma decisão, e fazê-los render-se à graça de Deus. E a própria fôrça da sua personalidade operou maravilhas nos lugares mais inesperados. Porém, mais tarde na vida, como Henry Bett escreve no seu livro “The Spirit of Methodism” (p. 36), êle “confessou francamente ter estado errado na sua primitiva insistência sôbre duas coisas — a necessidade e a subitaneidade da experiência; e admitiu não só que ela não era possuída por alguns, embora fôsse privilégio de todos, como também que a experiência podia vir gradualmente”.

No tocante à explicação do “Novo Nascimento”, Wesley não considerava êste como tomando o lugar da regeneração batismal. Aceitou o Livro de Orações Anglicano, ensinando que “ninguém pode entrar no Reino de Deus a não ser que seja regenerado e nasça de novo da água e do Espírito Santo”; e que é pelo batismo que se vem a ser “membro de Cristo”, filho de Deus e herdeiro do Reino do Céu”. Para êle, portanto, o “Novo Nascimento” era evidência de arrependimento do pecado post-batismal, e de um novo começo na vida espiritual já recebida. Mas deu pouco pensamento à teologia, e de tal modo pregou a necessidade de um “Novo Nascimento” sem qualificação, que os seus próprios sectários a interpretaram como tomando o lugar do batismo e propiciando os verdadeiros começos da vida da graça na alma. Coisa estranha é haver Wesley conhecido isto e tê-lo permitido, não fazendo esforço para corrigi mal-entendidos, embora a falsa concepção não estivesse de acordo com as suas próprias convicções! E’ êste um dos muitos mistérios de inconsistência, em Wesley, que desafiam solução. Mas não é surpreendente que os

Metodistas modernos venham a considerar o batismo, não como efetuando regeneração, porém como mero símbolo de “conversão interior”. O batismo infantil é, para êles, nada mais do que uma “cerimônia de consagração”, simbolizando a graça que será dada à criança na vida posterior, depois de se haver conscientemente convertido a Cristo.

DOM LIVRE

O efeito do “Novo Nascimento” era, segundo Wesley, a *livre, presente e plena salvação*.

Declarando a salvação livre para todos os homens de boa vontade, John Wesley rejeitou expressamente o ensino de Calvino de ser ela só para os eleitos. Sustentou que Cristo morreu por todos, e declarou que a doutrina de Calvino sobre a predestinação dos eleitos era apenas “cheia de blasfêmia”. Nas suas reuniões de revivamento êle acentuava o poder do homem para escolher a salvação, e punha imensa ênfase na necessidade de nos rendermos à graça de Deus. Nesta importante conclusão êle se separou do seu associado George Whitefield, que acreditava na doutrina calvinista da salvação só para os eleitos.

Por outro lado, declarando livre a salvação, Wesley não se pode dizer que tivesse aceito a doutrina luterana da justificação só pela fé, e não pelas obras. Muitos Metodistas modernos ainda ensinam essa doutrina luterana. Mas nisso não são sectários de Wesley. Verdade é que Wesley foi primeiramente “convertido” numa reunião moravia em 1738, enquanto escutava a leitura do Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Porém, em 1741, rejeitou publicamente o Comentário de Lutero sobre a Epístola aos Romanos, e o ensino dêle sobre a justificação pela fé somente.

Mais tarde, no seu "Jornal", escreveu: "O grande êrro dos Morávios é seguirem Lutero para melhor ou para pior, e daí o seu nenhuma obra, nenhuma lei, nenhuns mandamentos". No "Sermão 20" êle diz: "Tememos que alguém use a frase "A justiça de Cristo é imputada a mim" como uma capa para a sua falta de retidão. Temos visto isto feito milhares de vêzes. Adverti-os para que não tornem vazio aquêle solene decreto de Deus: "Sem santidade ninguém verá o Senhor", por uma vã imaginação de ser "santo em Cristo". Oh! adverti-os de que, se êles permanecerem injustos, a justiça de Cristo de nada lhes aproveitará".

Sôbre êste mesmo argumento de que a salvação é livre para todos os que querem aceitá-la, muitos Metodistas também se sentem concitados a rejeitar a doutrina católica do mérito. Que as boas obras são meritórias perante Deus e merecedoras de eterna recompensa, isto êles negam, a despeito das palavras de Nosso Senhor: "Alegrai-vos e regozijai-vos, pois grande é a vossa recompensa no céu" (Mt 5, 12). Mas aqui, também, Wesley foi mais católico do que protestante no seu ensino. "Quanto ao mérito em si mesmo, do qual temos sido tão terrivelmente temerosos", escreveu êle, "nós somos recompensados de acôrdo com as nossas obras, sim, por causa das nossas obras. Em que é que isto difere do *secundum merita operum*, "segundo as obras merecem"? Podeis rachar êste cabelo? Duvido que eu possa" (Fitchett, "Wesley and his Century", p. 381).

SEGURANÇA PRESENTE

Os Metodistas sustentam que a aceitação da graça, com conseqüente "conversão", acarreta consigo uma segurança, absoluta e divinamente gerada, de que os

pecados da pessoa são perdoados, e de que ela está realmente no amor e na amizade de Deus.

Seria uma injustiça para com os Metodistas atribuir-lhes a doutrina de que é suficiente crer em Cristo para ser salvo. Os Calvinistas ensinaram essa doutrina, pois declaravam que, uma vez que uma pessoa tivesse recebido a segurança de eleição e justificação, nunca poderia perder-se. Para eles a questão: "Estais salvo?" era cheia de significado. Mas para os Metodistas essa questão é tão sem significado como para os Católicos. Eles concordam com os Católicos em que a ninguém é permitido presumir certeza de salvação. Sempre são possíveis pecados posteriores. Pode-se cair da graça.

Além disto, os Metodistas admitem, como John Wesley sustentou, que, ao passo que a segurança da salvação eterna não é possível, é possível a segurança do perdão presente do pecado. De fato, ela é necessária. Se os pecados de alguém são perdoados, esse alguém tem essa certeza, testemunhando o Espírito Santo imediata e diretamente à alma dêle que ela está na graça de Deus e é filha de Deus. Se alguém não tem essa certeza, tão infalível como a própria fé, então os seus pecados absolutamente não estão perdoados.

Nesta doutrina, de que o homem pode não somente alcançar a graça de Deus, mas também saber com certeza infalível havê-la alcançado, Wesley esteve definitivamente em variação com o ensino católico. A Igreja Católica admite que se possa ter uma confiança bem fundada de estar no amor e na amizade de Deus, quer pelo conhecimento da própria sinceridade quer pelo testemunho de uma boa consciência. Esta confiança em Deus dá suficiente paz de alma. Porém segurança absoluta e infalível não é possível, e

não passa de uma forma de auto-ilusão. Nem mesmo S. Paulo a reclamou. "Porque a consciência não me argúi de nada, nem por isto estou justificado", escreveu êle aos Coríntios (I Cor 4, 4). Há coisas que devemos deixar a Deus.

O próprio Wesley, na sua velhice, modificou grandemente as suas idéias sôbre esta matéria. Retrato o seu ensino de ser a segurança interior necessária para a salvação, e de ainda estarem nos seus pecados os que carecem dela. Escreveu: "Quando, cinqüenta anos atrás, meu irmão Charles e eu, na simplicidade dos nossos corações, ensinávamos ao povo que, a não ser que conhecessem estarem os seus pecados perdoados, êles estavam sob a ira e cólera de Deus, admiro-me de que êles não nos houvessem apedrejado" (H. Maldwyn Hughes, "Christian Foundations", p. 158).

PLENA SALVAÇÃO

Nos seus primeiros anos, Wesley sustentou a estranha doutrina de que a conversão muitas vêzes significava não só o perdão dos pecados, como também a transformação instantânea de um pecador num santo. Significava "inteira libertação de tôda obra má, de todo pensamento pecaminoso, paixão, desejo, temperamento, libertação de tôda corrupção inata e de todos os restos da inclinação carnal" (Sermão 83).

De 1759 até 1762, muitos dos seus sectários proclamaram essa experiência, e o número dos "santos" multiplicou-se excessivamente. Os que proclamavam essa "inteira santificação" estavam agrupados em "Sociedades Seletas" especiais. Porém Wesley logo foi desiludido pela hipocrisia, ciúme, inveja e discórdia delas. As "Sociedades Seletas" logo foram abolidas, e Wesley voltou à santidade católica com o seu en-

sino da obrigação de tender à perfeição pelo progressivo crescimento em virtude. A conversão é apenas o ponto de partida do qual se deve arrancar rumo à santidade.

Inevitavelmente Wesley teve de encarar a questão do destino dos que morriam antes de haverem atingido a santidade perfeita. Porquanto êle próprio sustentava que tôda alma deve ser inteiramente santa antes de poder ser admitida ao Céu e à presença divina. Não tendo idéia da doutrina católica do Purgatório, êle pensava que o próprio ato de morrer devia purificar a alma de todos os defeitos restantes.

Sôbre êste assunto, são significativas as palavras de um Metodista moderno. No seu livro "Christian Foundations", manual de doutrina para Metodistas Wesleyanos, p. 215, o Dr. H. Maldwyn Hughes escreve: "A menos que se suponha que o processo físico da morte produza uma mudança moral inevitável (e nesse caso não poderia a mudança ser descrita estritamente como *moral*), não se pode sustentar que todos os cristãos estejam prontos para a vida de bem-aventurança. Quando acrescentamos as ulteriores considerações dos que morrem na infância e dos que não tiveram oportunidade espiritual, parece que as implicações do ensino cristão nos forçam a presumir, para alguns, ao menos, um estado intermediário entre a morte e o juízo". E então convida os seus leitores ao menos a considerarem a doutrina católico-romana do Purgatório. Mas por que não considerar o corpo inteiro do ensino católico, em vez de tímida e sèriamente olhar na direção dêste ou daquele elemento dêle que com demasiada pressa foi repudiado pelos reformadores protestantes?

A IGREJA

O número sempre crescente de convertidos pela sua pregação da *livre, presente e plena salvação* olhava para Wesley como para seu guia espiritual; e êle não teve outro recurso senão organizá-los de algum modo. Mas não teve idéia de fundar nenhuma nova denominação ou seita. Pensou sòmente numa nova vida dentro da Igreja de que êle era clérigo ordenado, a Igreja da Inglaterra. Escreveu êle: "Que é que podemos razoavelmente crer ser o desígnio de Deus em suscitar os pregadores chamados Metodistas? Não para formar qualquer nova seita; mas sim para reformar a nação, e particularmente a Igreja; e para difundir na terra a santidade Escriturística" (G. H. Curteis, "Dissent in its Relation to the Church of England", p. 346).

Mas o Anglicanismo do século XVIII não precisava ser reformado. Êle via com maus olhos entusiasmo de qualquer sorte, chamando-lhe "fanatismo". Os reitores Anglicanos recusavam o uso de suas igrejas aos pregadores "revivalistas", e recusavam a Comunhão aos Metodistas. O Bispo Butler disse a Wesley: "Esta pretensão a uma revelação e a dons extraordinários do Espírito Santo é coisa horrível, coisa muito horrível".

John Wesley, portanto, ignorou a autoridade dos Bispos Anglicanos, e todos os limites diocesanos e paroquiais. Enviou os seus pregadores aonde quis, e continuou a fundar as suas Sociedades Metodistas, que não tinham laço constitucional com a Igreja da Inglaterra, e nenhum estado legal ou privilégio dentro dessa Igreja. E como se justificou êle nisto? Recuou para uma vaga teoria da "Igreja Invisível". Êle via a Igreja Anglicana sòmente como uma organiza-

ção legal e humana visível. Para êle, a Igreja da Inglaterra era um estabelecimento legal, de modo que, desobedecendo aos Bispos, êle violava apenas a autoridade legal, e não a autoridade espiritual. Esta última autoridade, êle se persuadiu de que ela possuía, recebida da "Igreja Invisível", uma missão oriunda do invisível Cabeça da Igreja, o próprio Cristo, com quem êle e os seus Metodistas estavam unidos por laços invisíveis de graça. E persuadiu-se de que, assim, a sua "Sociedade" independente absolutamente não constituía uma separação da Igreja da Inglaterra.

Por volta de 1744, a Sociedade Metodista Wesleyana estava efetivamente organizada. Nesse mesmo ano, a primeira Conferência Wesleyana resolveu que êles não queriam um cisma para com a Igreja da Inglaterra, e exprimiu a esperança de que seriam reconhecidos como uma organização auxiliar. "Concordamos", declararam êles, "em obedecer aos Bispos até onde a consciência permitir. Não desejamos um cisma. Mas não devemos descuidar o salvar almas, por medo de quaisquer conseqüências". John Wesley viu nestas últimas palavras a ameaça. Reconheceu nelas o impulso para uma separação, lamentou-a e lutou contra ela.

Em 1789, dois anos antes da sua morte, êle disse: "Em nome de Deus, parai! Vós mesmos fostes primeiramente chamados à Igreja da Inglaterra; e, embora tenhais mil tentações de deixá-la e de vos estabelecerdes por vós mesmos, não lhes deis trela. Sêde ainda homens da Igreja da Inglaterra. Não jogueis fora essa glória peculiar que Deus pôs sobre vós, nem frustreis o desígnio da Providência, fim verdadeiro para o qual Deus vos suscitou". De novo, em 1789, pouco antes da sua morte, Wesley disse: "Declaro que vivo

e morro como membro da Igreja da Inglaterra; e ninguém que tenha em consideração a minha opinião ou conselho separar-se-á jamais dela”.

Porém o seu apêlo à “Igreja Invisível” contra a autoridade dos Bispos da Igreja Anglicana visível, e as suas próprias práticas, levaram inevitavelmente à separação que êle temia; embora, por deferência para com êle, a separação que devia vir fôsse adiada para depois da sua morte.

O MINISTÉRIO

Nova dificuldade surgiu para John Wesley no tocante ao suprimento de clero para a sua Sociedade que crescia rapidamente. Para resolvê-la, êle desenvolveu o seu modo de ver distintivo acêrca das Santas Ordens. Êle acreditava implicitamente na necessidade de uma sucessão Apostólica das Santas Ordens, mas persuadiu-se de que não havia diferença real entre bispos e sacerdotes, e de que os últimos tinham tanto poder para ordenar outros como os próprios bispos.

Começou, portanto, a impor as mãos sôbre os seus próprios pregadores, crendo estar conferindo uma ordenação válida. Em 1784, chegou ao ponto de “consagrar” Thomas Coke como “Superintendente” dos Metodistas na América. Coke já era clérigo Anglicano ordenado, tal e qual como o próprio Wesley. Wesley não tinha nada que o próprio Coke já não tivesse. Em todo caso, se bispo e sacerdote são uma só e mesma coisa, Coke não podia ter sido sagrado ulteriormente bispo! Há aqui outro mistério, na ação de Wesley, que parece sem solução. Mas uma coisa é certa. Êle acreditava que os pregadores ordenados recebiam um poder e jurisdição não possuídos pelos leigos não-ordenados; e, até o fim, lutou por uma Sociedade controlada pelo clero. Foi uma batalha perdida.

Em 1790, um ano antes da sua morte, Wesley escrevia: "Enquanto eu viver, o povo não terá participação na escolha de administradores ou de guias. Nós não temos, nem nunca tivemos, tal costume".

Em 1797, seis anos depois da morte de Wesley, Alexander Kilham foi expulso pelos Metodistas Wesleyanos, por sustentar que não há diferença real entre clero e laicato, e por exigir que os leigos participassem, com o clero, do controle. Kilham, por isso, fundou a "Nova Liga Metodista".

Em 1810, Hugh Bourne e William Clowes, Metodistas que jamais haviam sido ordenados, fundaram os "Metodistas Primitivos", consistentes na "gente convertida" fora de quaisquer normas de fé e de ordem.

Por longo tempo os Metodistas Wesleyanos conservaram o seu terreno, reservando ao ministério ordenado ao menos o direito de officiar a Ceia do Senhor. Mas finalmente cederam também neste ponto, permitindo a leigos não ordenados officiarem na ausência de um ministro.

Hoje, a gente que se chama Metodista propugna um "sacerdócio de todos os crentes". O Professor Metodista A. V. Murray escreve: "Os ministros não possuem um sacerdócio diferente, em espécie, daquele que é comum ao povo do Senhor". Eles são postos à parte, diz ele, "por causa da ordem na Igreja, e não por causa de qualquer virtude sacerdotal inerente ao seu ofício" ("Towards Reunion", p. 91).

Para o Metodista moderno, portanto, não há sucessão Apostólica das Santas Ordens. Embora o rito de imposição das mãos tenha sido conservado na cerimônia de ordenação, é considerado mera cerimônia simbólica, sem maior importância, e não implicando qualquer doutrina de sucessão presbiteral. Os ministros são chamados interiormente pelo Espírito, e nomea-

dos pelo povo para agirem em favor dêle. A autorização dêles vem “de baixo” e não “do alto”; dos seus companheiros, e não de Deus. Tal não era o pensamento de John Wesley; mas, aqui novamente, a sua prática indubitavelmente aplainou o caminho para êstes últimos desenvolvimentos.

RUPTURA NO ANGLICANISMO

John Wesley, como vimos, nunca quis que a sua Sociedade Metodista abandonasse a Igreja da Inglaterra. Até o fim lutou contra a secessão. Mas, por cinquenta anos estivera, mau grado seu, preparando firmemente o caminho para a separação final. Ensinou doutrinas desconhecidas na Igreja da Inglaterra, ignorou a autoridade desta em favor da sua, introduziu cerimônias estranhas ao Livro de Oração, e criou um novo ministério por suas próprias mãos, nem válido nem regular de acôrdo com os princípios Anglicanos.

Muito tempo antes da sua morte, a “Sociedade da gente chamada Metodista” era realmente uma seita não-conformista distinta, embora êle pudesse procurar disfarçar o fato por si mesmo. Mas a pretensão de conformidade foi mantida até à sua morte em 1791. Mesmo dois anos depois, a Conferência Metodista de 1793 ainda pôde afirmar a sua determinação de permanecer na Igreja da Inglaterra. Mas um final e irreparável rompimento sobreveio em 1795, quando a Conferência dos Metodistas Wesleyanos de Manchester adotou o seu “Plano de Pacificação” para conciliar o laicato Metodista, autorizando membros não ordenados da Sociedade a celebrarem a Ceia do Senhor e administrarem a Comunhão. Mesmo assim, até 1892 os Wesleyanos não se aventuraram a descrever a sua

Sociedade como uma "Igreja". E de então por diante a "Igreja Metodista" foi realmente uma organização rival a mais, somada ao sempre crescente número de Igrejas Protestantes, completamente distintas e separadas da Comunhão Anglicana.

A Igreja da Inglaterra, naturalmente, mal podia queixar-se dessa rebelião dos Metodistas contra a autoridade da Igreja que até então eles haviam aceitado; porque a própria Igreja da Inglaterra fizera o mesmo, dando o exemplo pela sua própria rebelião contra a grande Igreja-Mãe de Roma.

DIVISÕES METODISTAS

Os verdadeiros princípios que levaram à separação da Sociedade Metodista da Igreja da Inglaterra levaram, por sua vez, à dissensão entre os próprios Metodistas. O próprio John Wesley frisava que, para ser Metodista, era necessário ser "Wesleyano". Todas as secessões para com o movimento HIS foram ramos cortados da árvore viva original. Mas surgiram controvérsias, muitas vezes manifestando-se com extremo azedume de sentimento, que granjeava a derisão dos ímpios.

Já em 1741, quase nos primeiros dias da Sociedade, George Whitefield abandonou-a, para fundar os "Metodistas-Calvinistas". Wesley nunca tinha podido suportar a doutrina calvinista da eleição e predestinação de alguns com exclusão dos outros; e as suas divergências com Whitefield sobre esta conclusão levou à separação deste último para com ele, e ao estabelecimento de uma nova sociedade de Metodistas sob o patrocínio de Lady Huntingdon. Daí o nome, muitas vezes dado aos Metodistas-Calvinistas, de "Liga Lady Huntingdon".

Depois da morte de Wesley, o acontecimento candente foi a questão da condição do clero como oposta à dos leigos. A história subsequente do Metodismo é um registo da luta pela sobrevivência de uma ordem clerical privilegiada superior e distinta em relação à dos membros não-ordenados da Sociedade. Até à sua morte em 1791, Wesley pugnara por essa distinção. Em 1797, Alexander Kilham foi expulso de entre os Metodistas Wesleyanos por exigir representação leiga na Conferência Anual. Daí haverem êle e os seus seguidores fundado a "Nova Liga Metodista".

Em 1810, Hugh Bourne e William Clowes, dois Wesleyanos não ordenados, começaram uma série de reuniões de reavivamento, ao ar livre. Proibidos pela Conferência de as continuarem, separaram-se, e iniciaram uma nova seita chamada "Os Metodistas Primitivos". Em 1815, outro Wesleyano, William O' Bryan, iniciou os "Cristãos da Bíblia" em Cornwall.

Em 1907, a "Nova Liga Metodista" de Kilham, e os "Cristãos Bíblicos" de O'Bryan fundiram-se numa "Igreja Metodista Unida", na qual foram concedidos aos leigos todos os direitos que os Metodistas Wesleyanos não queriam conceder.

Em 1932, os Metodistas Wesleyanos, os Metodistas Primitivos e os Metodistas Unidos reuniram-se em Conferência, e proclamaram-se um só, numa espécie de unidade externa, como a "Igreja Metodista na Grã-Bretanha". Os Metodistas Wesleyanos foram os únicos que tiveram de capitular, reconhecendo não haver nenhum poder inerente ao ministério o qual não fôsse possuído por cada membro do laicato. Os próprios ensinamentos de John Wesley foram novamente ab-rogados.

METODISTAS AMERICANOS

Vimos como John Wesley foi para a América em 1735 como capelão Anglicano, para junto dos colonos da Geórgia; e como, na sua volta em 1738, numa reunião morávia foi “convertido” às idéias que o levaram ao seu apostolado Metodista.

Esse apostolado Metodista transportou-se para a América em 1776 com o advento ali de Filipe Embury, um dos pregadores leigos de Wesley. Por êle os princípios Metodistas foram pregados pela primeira vez nas colônias como êles eram então. Três anos depois, John Wesley enviou oficialmente dois dos seus pregadores ordenados, Joseph Pilmore e Richard Boardman, os quais organizaram a primeira Sociedade Metodista da América.

Em 1784, o crescente número de Metodistas em que por aquêl tempo se haviam tornado os independentes Estados Unidos da América sugeriu a Wesley a necessidade de um “Superintendente” que ocupasse ali o mesmo lugar que êle próprio ocupava na Inglaterra. Por isto êle consagrou por imposição das mãos um tal Dr. Thomas Coke, ao qual, após a sua chegada aos Estados Unidos, foi concedido o título de “Bispo”, pretendendo êle possuir autoridade episcopal tanto para governar a Igreja como para ordenar futuros ministros.

O próprio Wesley não havia concedido o título de “Bispo”, e sim o de “Superintendente”; e representou contra a usurpação. Todavia, naquele mesmo ano, os Metodistas Americanos reuniram-se em Convenção especial em Baltimore e organizaram-se na “Igreja Metodista Episcopal”. Que o Dr. Coke não estava còscio de haver realmente recebido a consagração episcopal válida, é evidente pelo fato de, em 1791, haver

êle apelado para o Bispo White de Pensilvânia, da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América (na qual se convertera a Igreja da Inglaterra na América após a Declaração de Independência), para a sua reconsagração como "Bispo". Do ponto de vista católico, naturalmente, já que êle considera inválidas as próprias Ordens anglicanas, as coisas não foram melhoradas pela cerimônia adicional. E nem os Metodistas modernos consideram a cerimônia como tendo produzido qualquer diferença real. Porquanto a vasta maioria dêles ainda considera o "Episcopado Metodista" como um "Ofício" e não como uma "Ordem".

Tal como na Inglaterra, assim também na América divisão após divisão ocorreu entre os Metodistas. Negros convertidos, atraídos pela desenfreada emotividade nas reuniões do "reavivamento", tornaram-se tão numerosos, que o fator racial logo começou a se afirmar mais do que incômodamente; e, em 1816, foi estabelecida a Igreja Metodista Episcopal Africana, independente, concordando tanto brancos como negros em ser melhor terem Igrejas separadas.

Em 1830, a rejeição do episcopado em favor dos princípios congregacionais resultou numa nova "Igreja Protestante Metodista".

Em 1842, uma nova "Liga Metodista Wesleyana" ou "Igreja da América" foi começada em Útica, no Estado de Nova York.

Em 1845, a "Igreja Metodista Episcopal do Sul" separou-se da "Igreja Metodista Episcopal do Norte" sobre o desfêcho da escravidão.

E assim as divisões prosseguiram até hoje, sendo que só nos Estados Unidos há dezenove denominações de Igreja diferentes, tôdas pretendendo ser "Metodistas", a despeito das suas múltiplas variações.

ORGANIZAÇÃO

Quando John Wesley começou primeiramente a sua cruzada de pregação, reuniu os seus convertidos numa "Sociedade", e falava dêles como da "gente que é chamada Metodista". Organizou-os em "classes", idéia que adotou dos Morávios. Os membros deviam reunir-se regularmente para estudo, oração e fraternidade cristã, sob a direção de "leaders de classe".

Dessas "classes" desenvolveram-se ali "sociedades locais", ou grupos de classes, equivalentes a isso a que nós chamamos igrejas locais. Hoje em dia, membros de uma igreja local são arrolados numa classe que se espera se reúna semanalmente para os fins supra, pagando cada membro uma "contribuição de classe", que é a principal contribuição para o sustento da Igreja Metodista. "A agregação", escreve o Prof. A. V. Murray, "está aberta a tôdas as pessoas que sinceramente desejam ser salvas de todos os seus pecados mediante a fé no Senhor Jesus Cristo, e evidenciem essa mesma fé na sua vida e conduta, e procurem adotar os deveres e privilégios da Igreja Metodista" ("Towards Reunion", p. 91).

As sociedades locais ou igrejas são agrupadas para formarem um "Circuito". O antigo nome Metodista para um ministro ordenado era o de "pregador itinerante", em vez de "pregador local", que na maioria dos casos era um leigo não ordenado. O ministro movia-se em circuito, de congregação local em congregação local. Hoje os "Circuitos" podem ter um ou mais ministros, com várias igrejas.

Representantes de tôdas as igrejas em cada Circuito reúnem-se em Conferências Trimestrais. Os Circuitos, por sua vez, são agrupados em Distritos; e represen-

tantes de cada Distrito reúnem-se duas vêzes ao ano em "Sínodos".

Representantes da Igreja tôda reúnem-se numa Conferência Anual, a qual é a Côrte Suprema, com um Presidente eleito anualmente. Desde 1881 os Metodistas do mundo inteiro mandam delegados a uma Conferência Ecumênica que se reúne de dez em dez anos.

Não é pretendido que essa organização seja de origem apostólica, nem que tenha qualquer sanção divina. E' uma estrutura de origem puramente humana, baseada exclusivamente em considerações de conveniência e utilidade. A única "continuidade" com o primitivo Cristianismo reclamada pelos Metodistas não é a de um clero ordenado, ou de uma organização constitucional, mas sim a da pregação da Palavra, e a da administração dos Sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor. E isto nos leva às formas de culto Metodista.

CULTO

Quando, em 1726, John Wesley formou o seu "Clube Santo" em Oxford, uma das suas regras estritas era a de uma Comunhão semanal regular de acôrdo com os ritos Anglicanos. Esta regra granjeou para êle e para os seus companheiros a alcunha de "Sacramentarianos". Sua própria irmã escreveu-lhe censurando-o pela "Comunhão cada domingo", sob o fundamento de que isso diminuiria o respeito dêle pela "ordenação sagrada".

Todavia, depois da sua conversão Morávia em 1738, êle applicou-se à pregação ao ar livre; e por necessidade, as suas reuniões de reavivamento tiveram de ser "não-sacramentais". Sermões fervorosos, oração improvisada, e hinos comovedores, a maioria dos quais compostos por seu irmão Carlos, faziam a ordem do

dia. Porém Wesley nunca considerou os seus serviços ao ar livre como provendo a tôdas as necessidades do culto público. Protestou que tais serviços, se persistissem sós, seriam grandemente deficientes em coisas essenciais. Entendeu que os seus convertidos deveriam freqüentar também o culto dominical nas igrejas paroquiais Anglicanas; e concitava-os, sobretudo, a receberem a Sagrada Comunhão, "suprema expressão da confraternidade cristã". Um dos seus Sermões é: "Sobre o dever da Comunhão constante", tão freqüente quanto possível.

Porém os seus "Metodistas" não foram bem acolhidos à Comunhão pelo clero Anglicano ortodoxo. Ademais, êles consideravam as suas reuniões de reavivamento e devoções de classes de estudo como inteiramente suficientes em si mesmas. O Hinário da Sociedade tornou-se o seu principal livro de devoção, e êles iniciaram um povo "cantante e orante", com atração cada vez menor pelo ritual e pela liturgia. Uma vez mais, Wesley pusera em operação fôrças que êle não podia controlar, e que se desenvolviam por formas que não desejava, e que acreditava mesmo contrárias à vontade de Deus.

Conformemente a isso, os Sacramentos assumiram cada vez menos importância aos olhos dos Metodistas. Quando tratamos do "Novo Nascimento", já vimos como o Sacramento do Batismo perdeu gradualmente significado e tornou-se mera cerimônia simbólica, nada efetuando. O Sacramento da Sagrada Comunhão também caiu em descaso, e foi tratado com escasso respeito.

O próprio Wesley sempre conservou a Liturgia Anglicana, de acôrdo com o seu dever como clérigo Anglicano, e pugnou pela sua conservação. Mas os seus sectários tinham pouca idéia da importância dela. O

Dr. Adam Clarke, um dos pais do Metodismo, queixava-se de que os Metodistas tratavam de modo inteiramente inconveniente a gravidade de rito tão sagrado. Em "Lives of the Preachers", vol. IV, pp. 302-303, James Rogers relata a história de como um tal Mr. Fletcher, de Madeley, foi ao pátio para se encontrar com três pregadores Metodistas que tinham vindo visitá-lo. Tomou consigo uma garrafa de vinho tinto e algum pão; e, depois de algumas preces, ofereceu em volta o pão e o vinho aos outros três, com as palavras: "O Corpo do Senhor que foi entregue por vós... o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo". Assim tiveram eles a sua refeição de confraternidade. E todos ficaram edificadas. John Wesley teria ficado horrorizado. E teria declarado o processo inteiro uma tremenda profanação.

Os Metodistas hoje em dia consideram como forma suficiente de culto o usual serviço não-conformista consistente na leitura da Escritura, no canto de hinos, num sermão, e em oração improvisada. A Sagrada Comunhão é celebrada uma ou duas vezes ao mês, seguindo-se ao culto matinal ou vespertal. Uma mesa é coberta com uma toalha de linho, o pão é colocado sobre ela, juntamente com pequenos copos de vinho como vidros de tinteiros, substituindo os copos o cálice tradicional, por motivos higiênicos. O vinho é, como de regra, não-fermentado, por deferência ao sentimento de temperança.

Às vezes, segue-se o serviço da Comunhão Anglicana, embora usualmente muito abreviado. Porém um forte sentimento antilitúrgico em muitas Igrejas Metodistas torna impossível impor qualquer forma única, e há em uso muitas práticas alternadas, tendo cada ministro plena liberdade de introduzir hinos e oração improvisada como julgar conveniente. Para mui-

tos Metodistas, a "Ceia do Senhor" é uma refeição sagrada destinada a intensificar os laços de amizade e confraternidade entre todos os que dela participam.

METODISMO MODERNO

Seria impossível ter lido tudo quanto até aqui foi exposto neste livrinho, sem se dar conta de que o Metodismo moderno não é, certamente, o Metodismo de John Wesley. Ele se desviou muito das convicções do seu fundador.

Porquanto Wesley sempre professara crença na Igreja Anglicana e nos ensinamentos do Livro de Oração Comum. Tanto êle queria que todos fôsem Anglicanos, que no Sermão 115 exigia que os convertidos dissidentes fôsem afastados das suas Capelas e recuperados para a Igreja da Inglaterra. Receava que a sua "Sociedade Metodista" viesse algum dia a ser uma "Igreja" separada daquela de que êle era clérigo ordenado. Sem embargo, os Metodistas de hoje formam "Igrejas" não ligadas com o Anglicanismo. As Conferências Metodistas têm multiplicado as suas denúncias contra o Livro de Oração Comum, como "herético e Romanizante". E o temor do cisma, tão notável em John Wesley, desapareceu quase inteiramente de entre os Metodistas. Eles se dividiram uns dos outros, e subdividiram-se, sob qualquer pretêxto.

Verdade é que, obseado pela idéa de "conversão pessoal", Wesley foi omisso em instruir os seus sec-tários com suficiente cuidado em outros assuntos que êle julgava essenciais; mas os Metodistas modernos não encarecem hoje em dia nem mesmo a experiência de conversão como Wesley o fêz. Para êles, a idéa de "confraternidade" tornou-se a consideração em todo importante.

As Igrejas Metodistas, igualmente, tornaram-se não somente não-litúrgicas, mas, até, antilitúrgicas. O próprio "ritualismo" de John Wesley seria intolerável aos olhos dêles. A teoria de ordenação dêles é radicalmente diferente da dêle. Além disto, enquanto viveu, êle pugnou pela prática da Comunhão semanal. Desde a sua morte, os Metodistas modificaram profundamente o seu proceder, e muitos admitem que a Sagrada Comunhão pouco ou nada significa para êles.

E nem as regras ascéticas de Wesley teriam qualquer interêsse para os Metodistas modernos. No Sermão 116, êle adverte os relapsos de que "o homem que nunca jejua não está na trilha da salvação mais do que o homem que nunca reza". Porém quantos Metodistas observam sequer os Jejuns Trimestrais prescritos pelos Calendários da Igreja Wesleyana?

Tanto na teoria como na prática, em tôda a linha, o Metodismo moderno apartou-se cada vez mais da religião de John Wesley. Se os caminhos e ensinamentos dêste foram de Deus, os últimos desenvolvimentos não o podem ser; se os últimos desenvolvimentos são de Deus, então o próprio Wesley caiu em êrro. Ou devemos desconfiar de que ambas as fases, primitiva e posterior, do Metodismo foram igualmente resultado de um zêlo sincero mas equivocado? Para o Cristão, certamente os últimos desenvolvimentos têm todos os sinais de um progressivo afastamento da verdade. A teologia Metodista tem tendido cada vez mais para modos de ver liberais e racionalistas absolutamente incompatíveis com os ensinamentos do Novo Testamento. O individualismo, o subjetivismo e o emocionalismo levaram a uma diversidade e a um caos que tornam a profissão do simples nome "Metodista" quase sem significação. E que multidões de Metodistas deixem de ver isto, eis o que faz o enigma

que todo homem pensante deve achar decepcionante em extremo.

ESTATÍSTICAS

A seguinte tabela dá aproximadamente o número de membros das principais divisões do Metodismo mundial, inclusive a recém-formada Igreja Unida do Canadá, e as missões estrangeiras:

I. ESTADOS UNIDOS:

A Igreja Metodista	8.430.146
Metodistas Episcopais Africanos	868.735
Metodistas Episcopais Africanos Zion	489.244
Metodistas Episcopais de Côr	381.000
Os Metodistas Livres	46.783
Os Metodistas Wesleyanos	29.331
Igrejas Metodistas menores (13 seitas)	51.657

II. IGREJA UNIDA DO CANADÁ: 716.064

III. IMPÉRIO BRITÂNICO:

Grã-Bretanha	1.264.493
Australásia	189.437
Nova-Zelândia	24.813
África do Sul	303.148

IV. México, Brasil, Coreia, Japão, etc. 86.169

12.881.020

PROBLEMA DA REUNIÃO

No meio de tôdas as suas divisões, tem sido firmemente crescente entre os Metodistas refletidos uma percepção de que toda falta de unidade é um afastamento da concepção da Igreja no Novo Testamento. Porquanto no Novo Testamento a Igreja é sempre apresentada como uma Sociedade única visível, fundada pelo próprio Cristo sobre os Apóstolos e por Ele garantida "todos os dias até o fim do mundo".

A própria Igreja, portanto, não é uma *construção humana*, mas sim uma *criação divina*. Este último ponto ainda não é claro para os Metodistas. Porém, impressionados com a necessidade de unidade, diferentes grupos entre eles têm tentado sinceramente diminuir as suas divisões.

Em 1925, a Igreja Metodista do Canadá uniu-se com os Congregacionalistas, com os Presbiterianos e com a União das Igrejas do Canadá Ocidental, para formar a Igreja Unida do Canadá.

Em 1932, as várias Igrejas Metodistas na Grã-Bretanha proclamaram-se uma só organização.

Em 1939, na América, a Igreja Metodista Episcopal, a Igreja Metodista Episcopal do Sul e a Igreja Protestante Metodista fizeram uma reunião compacta.

Ninguém pode ver tais esforços sem profundo respeito e simpatia. Porém a grande dificuldade está em que tais movimentos são baseados no conceito da Igreja como organização meramente humana, e num princípio de individualismo que deixa as coisas na mesma situação realmente, como se absolutamente não houvessem sido feitos esforços para a reunião. Porquanto qual é a diferença entre indivíduos que se unem para formar Igrejas independentes, de sua própria construção em primeiro lugar, e várias dessas Igrejas individuais unindo-se para formar uma Igreja maior, porém ainda independente, de construção dêles, para substituí-las? As divisões são diminuídas, sim, porém a Igreja maior ainda está dividida de outras Igrejas Cristãs, e está tão longe de ser a *espécie* de Igreja que Cristo ideou, como as Igrejas que decidiram combinar-se para formá-la.

Em resposta aos "Relatórios da Conferência de Lausanne", os Metodistas Wesleyanos da Inglaterra divulgaram a seguinte declaração:

“A Conferência sente-se chamada a dar o seu continuado e enfático testemunho à realidade do imediato comércio entre Deus e a alma individual, e da segurança de que todo homem pode ter da sua aceitação em Jesus Cristo e da sua participação em todos os frutos do Espírito. A Conferência quereria também acentuar o privilégio e dever de fraternidade incorporada, em Cristo Jesus, de todos os que foram por Ele redimidos”.

O Dr. Hugh Martin, Batista proeminente que ao menos começa a ver que a Igreja deve ser “dada por Deus e agregar os homens a si mesma”, antes que ser o resultado de qualquer acôrdo meramente humano de indivíduos para se associarem numa organização de sua própria feitura, diz da Declaração Metodista Wesleyana: “Ela soa como o indivíduo em primeiro e a Igreja em segundo, de longe em segundo; almas remidas isoladas juntando-se para culto. Que haja aqui uma verdade, seria eu o último a negar. . . Mas certamente é só metade da verdade acêrca da Fé cristã” (“Christian Reunion”, p. 35).

Intuição muito maior foi mostrada pelo Arcebispo Anglicano de Cantuária, Frederick Temple, quando, pregando sôbre “Catolicismo e Individualismo”, na sagração da Catedral de Truro, na Inglaterra, disse:

“Os homens falam como se os Cristãos viessem primeiro e a Igreja depois; como se a origem da Igreja estivesse nas vontades dos indivíduos que a compõem. Mas, pelo contrário, através do ensino dos Apóstolos nós vemos que a Igreja é que vem primeiro e os seus membros depois. No Novo Testamento, o Reino dos Céus já existe, e os homens são convidados para êle. A Igreja tem a sua origem não na vontade do homem, mas na vontade do Senhor Jesus Cristo. Em toda parte os homens são chamados a entrar; e não

entram e nem fazem a Igreja somente vindo. São chamados àquilo que já existe; são reconhecidos como membros quando estão dentro; mas a sua qualidade de membros depende da sua admissão, e não do fato de se constituírem num corpo aos olhos do Senhor”.

Se o Arcebispo Temple ficou na Igreja da Inglaterra a despeito da sua clara percepção de que a Igreja tem a sua origem não na vontade do homem, mas na vontade do Senhor Jesus Cristo”, foi somente por estar erradamente persuadido de que a Igreja da Inglaterra nunca se apartara da Unidade Católica. Mas a história mostra que a Igreja Anglicana tem a sua origem, como Igreja independente, na vontade de um homem: na vontade de Henrique VIII. A Igreja Anglicana separou-se daquela Igreja Católica a que todos os ingleses haviam anteriormente pertencido, tal e qual como a Igreja Metodista se separou da Igreja Anglicana após a morte de John Wesley. Houvesse o Arcebispo Temple verificado isso, e não teria tido outro recurso, em consciência e com base nos seus próprios princípios, senão voltar à Igreja Católica dos séculos, a qual é a única que pode traçar a sua origem até o próprio Cristo e seus Apóstolos.

Infelizmente, nas suas discussões sobre reunião, todos os Protestantes, Metodistas e outros, como também Anglicanos, rejeitam qualquer idéia de retorno a uma unidade que nunca deveria ter sido abandonada. Declaram pensar, de preferência, em “União” como num ideal ainda não realizado. Recusam olhar para a unidade como para um fato passado de há muito perdido, e a ser recuperado. Encaram uma “Igreja Universal” no futuro, a qual dará lugar à inclusão, na Igreja única, das mais variadas diferenças em crença e em culto. Assim, escrevendo a favor dos Metodistas, F. B. James diz: “Acreditamos que temos

algo a dar tanto como a receber; que temos o nosso próprio tesouro a levar à grande Igreja que um dia haverá" ("How Christians Worship", p. 88).

Mas quem compreende a insistência do Novo Testamento sôbre "um só Senhor, uma só fé, um só batismo" não pode aceitar a perspectiva das "mais variadas diferenças em crença e em culto"; nem pode acreditar numa "grande Igreja que um dia haverá", à luz das palavras de Nosso Senhor: "Edificarei a minha Igreja", e à luz da sua promessa: "E eis que eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo". Devemos crer numa Igreja que *é*, e não numa Igreja que *será*. A verdadeira Igreja deve ter estado no mundo todos os dias desde Cristo, tal como continuará a estar até o fim dos tempos. Nenhuma "Igreja Universal" imaginária, que ainda não veio à existência, mas que começará a existir no futuro, pode preencher as condições requeridas pela Sagrada Escritura. E tanto a Escritura como a história nos forcem para trás, para a Igreja Católica de todos os tempos, unida hoje sob o Bispo de Roma, sucessor de S. Pedro, sôbre quem, como chefe entre os Apóstolos, Cristo fundou pessoalmente a sua Igreja.

"Nós não estamos preparados para repudiar o nosso passado e a verdade — ou o tanto da verdade, ainda que fôsse só uma meia-verdade — que a experiência nos ensinou", escreve o Prof. W. L. Sperry, no seu livro "Religion in America". Porém acaso as Igrejas Metodistas de hoje não se baseiam precisamente num repúdio do passado? O seu próprio desenvolvimento em denominações tão diferentes de tudo quanto John Wesley houvesse intentado é um repúdio do seu próprio passado, tal como a Igreja da Inglaterra, e que êle pertenceu, repudiara o seu passado abandonando a Igreja Católica. Eles foram os reformadores Pro-

testantes que abandonaram a religião dos seus avós. O Protestante que hoje volta à unidade católica volta àquela religião que nunca deveria ter sido rejeitada no princípio.

Como também crenças que “a nossa experiência” no ensinou, opiniões humanas tão falíveis e variáveis como tôdas as nossas impressões e disposições subjetivas, não podem ser substitutivo condigno para as reais verdades que Cristo, o Filho de Deus, nos ensinou; verdades preservadas pela infalível autoridade docente da Igreja Católica que Ele estabeleceu a fim de salvaguardar a sua religião contra a inafiançabilidade de conjecturas e juízos meramente humanos. E’ para a Igreja Católica que devemos voltar, para acharmos a unidade que Nosso Divino Senhor pretendeu, que Ele deseja hoje como sempre, e pela qual tão ardentemente orou.

CONCLUSÃO

Através dêste estudo do Metodismo, os fatores meramente humanos na origem e desenvolvimento dêste tornaram-se abundantemente evidentes. O próprio John Wesley era realmente um homem bom e zeloso. Mas homens bons e zelosos podem enganar-se. Wesley nunca compreendeu a doutrina do Novo Testamento sôbre a Igreja como sociedade visível embora espiritual, como o Reino de Cristo neste mundo, dotada de autoridade divina e garantida por Ele todos os dias até o fim dos tempos.

Não foi por culpa sua que lhe faltou esta percepção. Ele nunca conhecera a Igreja Católica, tendo nascido, como nasceu, na Igreja da Inglaterra, uma entre as muitas formas de Protestantismo que datam da Reforma. Omitindo, portanto, regiões inteiras do pen-

samento e da prática cristãs, êle se deteve desproporcionadamente sôbre algumas grandes verdades que lhe pareciam importantes, criando a impressão de que a religião dizia respeito quase exclusivamente às relações pessoais da alma individual com Deus.

Ninguém poderia negar, é claro, que a religião pessoal é da maior importância. Sem ela, como já vimos, "observâncias meramente externas não passariam de uma casca ôca". Mas por que persistir em pensar que a religião deve ser ou matéria de forma ou matéria de fervor? Deve ser ambas as coisas. Não podemos dispensar nem a forma nem o fervor. E certamente é um engano imaginar que o Catolicismo significa "formalismo" com pouca consideração para com a espiritualidade profunda, interior e pessoal.

O Rev. R. J. Campbell, quando Pastor do City Temple, em Londres, escreveu, no "Sunday Herald" de 4 de novembro de 1915, após uma visita à França: "Desde que a guerra começou, tenho avaliado nas Igrejas Francesas, como nunca o fiz antes, o valor devocional, a ajuda prática, da reservação do Sacramento do Altar. Ela faz tôda a diferença entre uma construção morta e um lugar que é realmente um santuário, onde os adoradores sentem que estão em contacto imediato com o sobrenatural e com o divino".

"Contacto imediato com o sobrenatural e com o divino"! Quão poucos os que se dão conta disto, que é a coisa mais importante na religião católica. A Igreja Católica existe para produzir isso em todos e em cada um dos seus membros. Atingir tal é mais importante, aos seus olhos, do que atingir qualquer dignidade ou autoridade eclesiástica que esteja em seu poder outorgar. Pode ela vestir os seus Papas com vestes brancas, seus Cardeais com vestes vermelhas, seus Bispos e Monsenhores com vestes

roxas. Mas de tudo isso ela toma apenas pouca nota quando a morte tira dêste mundo os seus funcionários. A única e exclusiva condição de perpétua memória e estima na Igreja Católica é que seus membros amem a Deus, se esforcem pela união com Ele, façam progresso na prática da virtude, e atinjam a santidade e a perfeição. Só aquêles que assim fizeram é que ela canoniza, eleva aos seus altares, e oferece aos fiéis quer como modelos quer como inspiração de conduta.

“Nós Metodistas”, escreve o Rev. Edward Shillito, “pugnamos pela subordinação de tôda organização à vida espiritual, contra a paralisadora influência da maquinaria”. A Igreja Católica concorda com êle em que tôda organização deve ser subordinada à vida espiritual. Por sua própria natureza, a organização da Igreja deve ser ordenada aos valores espirituais, mesmo na sua administração temporal e nas suas obras de misericórdia. Porém Mr. Shillito engana-se em considerar a “maquinaria” da organização católica como “paralisadora”.

O Protestante alemão Dr. Heiler, Professor de Religião Comparada na Universidade de Marburg, mostrou compreensão mais profunda quando escreveu no seu livro “Katholicismus”, p. 657: “O Catolicismo não é uma mera fábrica de dogmas, leis, cerimônias e práticas piedosas; mas sim um organismo vivo em cuja parte mais íntima as emoções religiosas mais ternas e mais delicadas agem livremente. O Catolicismo Romano é um organismo infinitamente rico e reformador de vida”.

Nunca os Santos da Igreja Católica sentiram que a autoridade hierárquica e a maquinaria da organização se interpusessem entre suas almas e Deus. Mas sempre se deram conta de que seria um abuso do espiritual rejeitar a autoridade essencial da Igreja Cató-

lica. Nosso Senhor ensinou tanto a religião do espírito como a religião de autoridade, e cada uma necessita da outra; para que a primeira possa ser preservada da auto-ilusão e excentricidade, e para que a última possa ser preservada da letra que mata quando divorciada do Espírito que é a fonte de Luz e de Amor e de Vida. O Barão von Hugel, o leigo Católico tão querido dos Protestantes de tôdas as denominações, declara, no seu livro "The Mystical Element of Religion", que uma religião pessoal convenientemente desenvolvida deve ser mística, intelectual e institucional, procedendo da experiência religiosa, do dogma, dos sacramentos e do culto público de acôrdo com a forma litúrgica.

Estes pensamentos concludentes sôbre "religião pessoal" têm sido relacionados com a santidade e perfeição interior de que todo Metodista sincero faz o seu ideal, e que entretanto constitui provavelmente a maior fonte das suas falsas concepções sôbre a Igreja Católica. Mas os temores aqui são infundados.

Se alguém já se dedicou de alma e coração a pregar a necessidade da religião pessoal, e de visar sempre à inteira santificação, foi John Wesley. Entretanto, se êle tivesse sido Católico, nunca teria pensado em abandonar a Igreja Católica. S. Francisco de Assis -fêz, como Católico, o que Wesley procurou fazer como Anglicano. Mas a Igreja Anglicana não compreendeu John Wesley, ao passo que a Igreja Católica compreendeu S. Francisco, e teria compreendido Wesley. O paralelo entre os dois homens é muito notável. Ambos foram movidos em primeiro lugar por uma profunda experiência espiritual que êles descreveram como a sua "conversão". Ambos sentiram a necessidade de entregar-se completamente à santa vontade de Deus, e de fazer do amor de Deus a sua inspiração

dominante. Ambos buscaram a perfeição por si mesmos e sentiram-se impelidos a pregar o Evangelho ao mundo todo, além de todos os limites paroquiais, e especialmente aos pobres. Ambos tiveram em mira sermões simples que os mais pequenos dos filhos de Deus pudessem entender.

Todavia S. Francisco, fazendo tudo o que John Wesley quis fazer, não teve necessidade de deixar a Igreja Católica para o fazer. Salvaguardado pela sábia direção dos princípios católicos e pela obediência humilde e isenta de si às autoridades da sua Igreja, êle ficou dentro da unidade desta; ao passo que Wesley, sem ajuda da Igreja Anglicana do seu batismo, teve de cumprir da melhor maneira como o soube aquilo que pensava ser a vontade de Deus, somente para fundar um movimento que se afastou do Anglicanismo, e dos ensinamentos dêle mesmo, para dissipar as suas energias em desintegrações quase infindas.

Se Wesley tivesse tido as vantagens da fé católica, se alguma vez houvesse realmente conhecido a Igreja Católica, então, com o seu ardor e zêlo, ter-se-ia sentido inteiramente à vontade no seio da grei católica, e teria tido o seu apostolado pelo bem das almas apreciado, promovido e abençoado pela maneira como o seu coração generoso sempre esperou que êle o seria. E, hoje em dia, o Metodista que se torna Católico torna-se aquilo que John Wesley gostaria de ter sido, e que, à luz daquele conhecimento mais pleno do que qualquer que Wesley possuiu neste mundo, êle agora deseja que Wesley tivesse sido.

Aos seus apóstolos Cristo só lhes fala de um reino, de um rebanho, de uma igreja, *ecclesiam meam*. Quando lhes anuncia a conversão dos gentios, a existência de outras ovelhas que Ele devera trazer a si, termina com estas palavras: e haverá *um só rebanho e um só pastor* (Jo 10, 16). No seu último discurso, no testamento do seu amor, é sobre a unidade dos seus que insiste, é esta unidade que pede ao Eterno Pai: "Pai santo, conserva-os em teu nome... que sejam *uma só coisa*, como nós... E não oro só por êstes, mas também por aquêles que, pela sua palavra, hão de crer em mim: que todos *sejam uma só coisa*, como tu, Pai, em Mim e Eu em Ti; assim sejam êles *um* em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17, 11 ss.). Eis o que a oração eficaz de Cristo impetrava para os seus: a mais perfeita unidade, análoga à da Trindade Santa, unidade das inteligências pela fé e das vontades pelo govêrno; uma unidade *visível*, porque deveria servir ao mundo de motivo de credibilidade na missão de Cristo (para que o mundo creia); uma unidade indestrutível: sem diferença de tempo Cristo ora pelos Apóstolos e por todos os que hão de crer por meio dêles na sua palavra.

O que ensinou o Salvador, repetiram-no os seus mensageiros fiéis. "Rogo-vos, diz S. Paulo (Ef 4, 1 ss.), eu, o prêso do Senhor, que andeis como é digno de vocação *com que sois chamados*... solícitos em conservar a *unidade* do Espírito no vínculo da paz. Um só corpo, um só espírito, como fôstes chamados numa só

esperança da vossa vocação". Afirma-e como próprio da vocação cristã a unidade, unidade da sociedade visível (*unus corpus*) e unidade do espírito interior (*unus spiritus*). E o Apóstolo continua: "um só Senhor, *uma só fé*, um só batismo, um só Deus e Pai de todos os homens". Eis a economia magnífica da Igreja de Cristo, *igreja essencialmente una*, una no seu aspecto social visível (*unum corpus*); no princípio formal que o anima, o Espírito de Deus; na fé comum que lhe serve de regra e norma exterior; no rito baptismal que lhe dá origem e crescimento; na glória de Deus, sua razão de ser suprema. Neste corpo devem unir-se todos os fiéis, *solicitos uns aos outros*: "Somos *um só corpo* em Cristo, cada um de *nós*, *membros uns dos outros*" (Rom 12, 5). Este corpo é orgânico; nêle há diferença de funções, membros diversos. "Em um corpo temos muitos membros mas nem todos os membros têm a mesma operação" (Rom 12, 4). "Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo" (1 Cor 12, 5). Esta multiplicidade de órgãos e de funções em nada diminui a unidade vital do corpo "porque todos fomos também batizados em um Espírito *para um corpo*, judeus e gentios, servos e livres". Não há portanto igrejas nacionais. "Há muitos membros, porém um *só corpo*... para que não haja divisão no corpo, *ut non sit schisma in corpore*". A diversidade das funções — apóstolos, doutores, profetas, os que *governam* (v. 28), — funde-se na unidade orgânica de um só todo.

Pe. Leonel Franca, *Catolicismo e Protestantismo*, 2ª ed., pp. 197 ss.

INDICE

Os Metodistas	5
John Wesley	6
A doutrina metodista	9
Os ensinamentos de Wesley	11
Crença na Bíblia	12
O pecado	12
A salvação	13
Dom livre	15
Segurança presente	16
Plena salvação	18
A Igreja	20
O ministério	22
Ruptura no Anglicanismo	24
Divisões metodistas	25
Metodistas americanos	27
Organização	29
Culto	30
Metodismo moderno	33
Estatísticas	35
Problema da reunião	35
Conclusão	40